

Único equipamento de radioterapia da rede pública do DF, no Hospital de Base, atende 81 pacientes por dia. Quando está em manutenção, doentes são transferidos para Goiânia, Anápolis e Barretos

Mais de um mês na fila

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Enquanto um equipamento milionário de radioterapia está embalado e guardado no Hospital Universitário de Brasília, pacientes com câncer sofrem à espera de tratamento. O único acelerador linear da rede pública do Distrito Federal está no Hospital de Base (HBDF). No setor de radioterapia da unidade, os doentes precisam aguardar mais de um mês para marcar as sessões. Além da dor de lutar contra o câncer, os pacientes ainda enfrentam a revolta de ver um equipamento caríssimo estocado há dois anos, enquanto crescem as filas por tratamento na rede pública.

A dona-de-casa Leila Maria Assis da Silva, 34 anos, descobriu que estava com câncer na vulva em 2003. Moradora do pequeno município de Sena Madureira, no Acre, ela decidiu fazer tratamento no Distrito Federal. Acreditava que o acesso aos medicamentos e aos aparelhos mais modernos seria rápido e fácil.

Quando chegou à capital federal para tentar vencer a doença, precisou esperar um mês até a primeira sessão de radioterapia.

As dificuldades da dona-de-casa em Brasília são intermináveis. Ela precisa ficar longe do marido e da família enquanto não recebe o sonhado diagnóstico de cura. Além da distância, ela tem dificuldades para pagar as viagens diárias até o Hospital de Base. Leila está hospedada no Setor O, em Ceilândia, há seis meses, desde que começou a radioterapia. "É revoltante imaginar que há milhares de pessoas sofrendo e esperando na fila enquanto o equipamento está guardado. Isso só aumenta o nosso sofrimento, alguém deveria fazer alguma coisa", reclama Leila.

O acelerador linear do Hospital de Base atende 81 pacientes diariamente, em três turnos de 27 sessões. A unidade também tem uma máquina de cobaltoterapia, com capacidade para tratar 25 pessoas por dia. Mas, com a sobrecarga, os equipamentos precisam de manutenção periódica. E quando o acelerador quebra, os

Ronaldo de Oliveira/CB - 23/2/07



SOFRIMENTO DOBRADO: LEILA MARIA VEIO DO ACRE PARA SUBMETER-SE A SESSÕES DE RADIOTERAPIA NO HBDF

doentes ficam sem nenhuma opção de tratamento na rede pública do Distrito Federal.

Nesses casos, o governo gasta ainda mais recursos, mandando os pacientes para fora da cidade. E a transferência aumenta o sofrimento de quem precisa enfrentar a radioterapia longe de casa e da família. Anápolis e Goiânia, em Goiás, e Barretos, no interior de São Paulo, são os destinos mais frequentes dos doentes em busca de tratamento.

Revolta

A situação revolta os médicos que acompanham o calvário dos doentes de câncer no Hospital de Base. As equipes de oncologia e de radioterapia vêem seus pacientes na fila de espera pelas sessões, enquanto há um

equipamento guardado. A diretora de Radioterapia do Hospital de Base, Marília Rezende, fez um abaixo-assinado para tentar levar os equipamentos guardados na Universidade de Brasília para a unidade. Fez contatos, negociou a transferência do aparelho, mas não conseguiu amenizar os transtornos de quem depende das sessões. "Se houvesse mais um equipamento de radioterapia em funcionamento na cidade, a espera seria bem menor. Não conseguimos trazê-lo para o Hospital de Base, mas batalhamos para que seja instalado rapidamente em algum lugar", explica Marília.

Para instalar o acelerador, é preciso construir um pequeno bunker que retenha a radiação do aparelho. No Hospital de

Base, a sala de tratamento tem uma parede de mais de dois metros de espessura, para evitar a contaminação. A unidade tem autorização do Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN) para funcionar.

A presidente do Movimento de Apoio ao Canceroso (MAC), Lilian Muller Silva, cobra providências rápidas para a liberação do acelerador linear abandonado no HUB. Quando os pacientes precisam se tratar fora do DF, a entidade providencia ajuda com estada e alimentação, para os doentes não passarem necessidade. "Enquanto os pacientes estão na fila da radioterapia, um equipamento está guardado há dois anos. Já reclamamos muito dessa situação, mas de nada adiantou", conta Lilian.

Arruda quer solução logo

O governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, disse ontem que vai aguardar o posicionamento do ministro da Saúde, Agnir Álvares, e do reitor da UnB, Timothy Mulholland, sobre a situação do Hospital Universitário de Brasília (HUB) antes de interferir no debate sobre o Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon), cujas obras estão paradas há mais de um ano. "Queremos que a questão seja solucionada logo e da melhor maneira possível. Se for o caso, instalaremos os equipamentos", disse o governador, referindo-se a 17 aparelhos de última geração, que custaram R\$ 2,65 milhões e desde 2005 estão armazenados em um galpão, no canteiro de obras do HUB.

Amanhã, o ministro e o reitor se reúnem com a diretora do HUB, Tânia Torres, o diretor geral do Instituto Nacional de Câncer (Inca), Luiz Antonio Santini, e o secretário de Saúde do DF, José Geraldo Maciel, para discutir a situação. Na sexta-feira, Maciel adiantou que a Secretaria de Saúde do DF precisaria de oito meses para colocar o acelerador linear — responsável pela produção de energia das radiações usadas na radioterapia — em funcionamento no Hospital Regional de Taguatinga.